

## PONTOS DE VISTA DA CULTURA CLÁSSICA SOBRE A GUERRA

---

*António Manuel de Andrade Moniz*

### **Introdução**

A História da Humanidade pode ser lida a partir da história dos seus conflitos, intra e extra-étnicos, como se de uma fatalidade se tratasse, como que a sublinhar o carácter estruturalmente conflituante e belicista da condição humana.

Por isso, a Antiguidade concedeu, nas respectivas literaturas, orais e escritas, grande enfoque às epopeias cujos heróis são guerreiros, representativos da afirmação identitária dos respectivos povos. Refiram-se, a propósito, as sagas do *Mahâbharata* e do *Ramayana*, entre os Vedas, e a própria Bíblia, designadamente o conflito primordial entre Caim e Abel e as guerras multisseculares na Palestina, ou entre Hebreus e Egípcios e Hebreus e Babilónicos.

Também a Cultura Clássica se tece a partir de uma história militar, quer no interior dos respectivos povos, as guerras civis, quer dos conflitos com o exterior, numa disputa de tipo imperial. Tanto Gregos como Romanos são exímios na arte militar e atribuem valor inquestionavelmente decisivo e cimeiro ao investimento e envolvimento dos respectivos cidadãos, às vezes, como o caso dos Espartanos, desde a mais tenra idade. Eco desse valor cultural são os poemas homéricos, as epopeias, as tragédias e a historiografia grega e latina, centrados nos principais episódios militares que tanto esforço, sangue e lágrimas exigiram aos seus concidadãos.

Vejamos em que termos se perspectiva a problemática da guerra nos textos literários gregos e latinos da Cultura Clássica e a convergência com os pontos de vista da cultura ocidental dos nossos dias.

## 1. Os Gregos e a Guerra

A *Iliada*, poema épico que canta não propriamente a história da guerra de Tróia, mas a “cólera funesta de Aquiles, / filho de Peleu, que causou aos Aqueus sofrimentos sem conta / e precipitou no Hades muitas almas ilustres de heróis”<sup>1</sup>, representa o impasse verificado no décimo ano de guerra entre os contendores em questão, a partir da recusa do primeiro dos heróis aqueus em combater, por motivos de reivindicação da posse de uma escrava, Briseide, considerada despojo de guerra, ilegitimamente apropriada por Agamémnon, o chefe da expedição grega. Toda a acção se desenrola a partir de tal episódio até culminar nos funerais do príncipe troiano Heitor, vencido por Aquiles. Não é já a questão central que originou a guerra que está na acção e na discussão dos envolvidos na contenda, nem é tão-pouco o desenlace do conflito que é narrado ou cantado, mas a simples e essencial “greve” ao combate por parte do mais valente e destro dos guerreiros que está em causa e inviabiliza o normal desenvolvimento da acção até ao seu desfecho. Por isso mesmo, todo o clima do poema respira os sentimentos e as emoções de um verdadeiro conflito humano, num envolvimento tão imperativo e aglutinante de homens e deuses que parece que toda a vida na Terra fica suspensa perante tal conflito. Fica assim patente que um projecto colectivo depende, afinal, da colaboração dos parceiros envolvidos, principalmente dos seus dirigentes, que são o cérebro e a alma desse projecto. Fica igualmente patente que, numa sociedade ainda não democrática, a obstinação dos príncipes inviabiliza qualquer solução para os eventuais impasses, como é o caso de Agamémnon, que impõe os seus interesses pessoais à vontade e ao bem dos seus concidadãos, ao recusar a entrega da filha de Crises, sacerdote de Apolo, ao pai, acarretando a ira do deus, manifestada na peste que dizimou o acampamento dos Aqueus<sup>2</sup>.

Numa representação antropomórfica, o conflito sobe ao Olimpo, envolvendo o casal dirigente, Zeus e Hera, bem como os restantes numes, como recrimina Hefesto: “Caso funesto será este, de não poder suportar-se, / se ambos vós discutis assim, por causa dos mortais, / e arrastais este tumulto para o meio dos deuses!”<sup>3</sup>. De facto, é tal o envolvimento divino neste conflito que a própria Cípris é ferida em combate por Diomedes<sup>4</sup>. De nada serve, todavia, a proibição de Zeus aos seus pares, no sentido de se absterem

---

<sup>1</sup> *Il.*, I, 1-4.

<sup>2</sup> Cf. *Il.*, I, 22-25.

<sup>3</sup> *Il.*, I, 573-575.

<sup>4</sup> “Diomedes persegue a deusa Cípris com o seu bronze impiedoso, / sabendo-a uma deusa sem força. / [...] Logo a lança penetra na pele, / acima do pulso, através do peplos imortal, tecido / pelas próprias Graças. Corre o divino sangue imortal, / o *icor*, que é o que têm os deuses bem-aventurados.” (*Il.*, IV, 3-4.7-10).



de tomar partido e intervirem no conflito<sup>5</sup>. A sua posição equidistante é atestada pelo símbolo da balança na qual pesa os destinos humanos<sup>6</sup>.

A beleza de Helena, na óptica dos chefes troianos que o olhar poético de Homero capta, não justifica mas, de certo modo, explica a calamidade da guerra: “Quando viram Helena avançar sobre o adarve, / murmuram entre si estas palavras aladas: / ‘Que os Troianos e os Aqueus de belas cnémides há tanto tempo / sofram tanto por uma mulher assim, ninguém pode censurar./ Se olharmos para ela, infunde temor sua parecença com as deusas imortais!’”<sup>7</sup>. De resto, é o velho Príamo que a iliba de culpa, em detrimento dos deuses<sup>8</sup>, que são considerados os verdadeiros responsáveis da guerra<sup>9</sup>. Deste modo, o chamado “rapto” de Helena, devido à posição política que ocupa como rainha de Esparta, não constitui apenas um atentado familiar, mas um verdadeiro conflito internacional. As próprias vicissitudes sofridas por esta figura única da Antiguidade atestam bem as consequências, neste caso, pessoais, da guerra<sup>10</sup>. Por outro lado, a lenda segundo a qual a verdadeira Helena não foi levada para Tróia, mas apenas uma nuvem representativa da sua figura, já que teria ficado no Egito até ao final da guerra, junto do rei Proteu, parece indiciar uma mensagem pedagógica da ilusão que constitui para os seres humanos o seu envolvimento bélico.

O símile do movimento marinho é a imagem expressiva do caminhar

---

<sup>5</sup> «Aquele que eu souber que intenta afastar-se dos deuses, / para ir socorrer Dânaos ou Troianos, / eu o agredirei de tal sorte que chegará ao Olimpo em desalinho. Ou então pego nele e atiro-o ao Tártaro bolorento, / bem longe, nas profundezas abissais, debaixo da terra. [...] E então sabereis como eu sou o mais poderoso de todos os deuses” (*Il.*, VIII, 10-14. 17).

<sup>6</sup> “Enquanto durou a aurora e cresceu o sagrado dia, / dos dois lados os dardos acertavam e o povo sucumbia. / Mas, ao tempo que Hélios atingiu o meio do céu, / o Pai estendeu a balança de ouro. / Colocou lá os dois destinos da morte que derruba as pessoas, / a dos Troianos, domadores de cavalos, e dos Aqueus, de brônzeas túnicas, pega-lhe pelo meio e segura-a; inclina-se para o dia fatal dos Aqueus” (*Il.*, VIII, 66-72).

<sup>7</sup> *Il.*, III, 154-158.

<sup>8</sup> A culpabilização de Helena, feita no século V por Estesícoro, terá redundado na sua cegueira, da qual se terá libertado, depois de se retractar, donde terá resultado o medo de a culpabilizar. No entanto, a apresentação de Helena como instrumento da vontade divina já é feita por Príamo, como refere Homero. Cf. Pierre Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, trad. port. Lisboa, Difel, 2.<sup>a</sup> ed., 1992, p. 198, col. 2.

<sup>9</sup> “Vem para aqui, filha querida, senta-te defronte de mim, / para veres o que outrora foi teu marido, os teus parentes e amigos / – perante mim não és culpada; culpados são os deuses / que me lançaram nesta guerra com os Aqueus, plena de lágrimas” (*Il.*, III, 162-164).

<sup>10</sup> Segundo as várias versões míticas, orais e escritas, Helena terá sido punida pelo seu comportamento: segundo uma lenda ródia, banida por seus filhos, Helena, depois de se refugiar em Rodes, junto de Polixo, sua antiga amiga, acabou por enforcar-se, ao ser atormentada por suas servas, disfarçadas de Erinias; ou teria sido sacrificada por Ifigénia, em Táurica; ou teria morrido na viagem de regresso, devido à vingança de Tétis, pela morte de seu filho, Aquiles.



quase silencioso do exército grego<sup>11</sup>, em contraste com o símile do alarido das ovelhas, descrevendo o exército troiano<sup>12</sup>. Temos dois comportamentos distintos perante a guerra, representativos de duas culturas opostas: a ocidental e a oriental.

A expressão horrífica da guerra encontra particular espaço na reacção infantil do filho de Heitor perante o aparato militar do pai, como que a denunciar, na simplicidade dos gestos instintivos, uma das maiores calamidades da história humana: “Logo a criança se voltou aos gritos para o seio da ama de bela cintura, / assustado com o aspecto do seu amado pai, / com medo do bronze e do penacho de crinas de cavalo, / que via tremer, assustador, no alto do capacete”<sup>13</sup>. O riso compreensivo dos pais e a linguagem dos afectos desanuviam a perturbação da criança, não ofuscando, no entanto, na intimidade da cena doméstica, o alcance universal de uma problematização indirecta a essa calamidade<sup>14</sup>.

Apesar da recusa reivindicativa de Aquiles em combater, a sua exortação ao empenhamento militar tem o efeito retórico de uma admoestação persuasiva que entronca nos conceitos de glória e missão cívicas: “Combatei em massa junto das naus! Aquele de vós / que, ferido ou atingido, receber a morte e o fim, / que morra! Não é vergonha morrer e lutar / pela pátria”<sup>15</sup>. Ao confrontar-se com a morte do seu amigo Pátroclo, declara partir, com serenidade, ao encontro da morte e da glória suprema<sup>16</sup>.

Guerra e paz são o verso e reverso da *pólis* na *écphrasis* do escudo de

---

<sup>11</sup> “Tal como quando, nas praias marulhantes, as vagas marinhas se movem umas após outras, sob o impulso do Zéfiro, / primeiro se alteiam ao largo, e logo, frementes, / se quebram em terra, e em volta dos promontórios / se arqueiam cuspindo a espuma do mar, / – assim se moviam umas após outras as falanges dos Dânaos, / para o combate sem cessar. Cada um dos generais lhes dava ordens; e eles marchavam calados” (*Il.*, IV, 422-428).

<sup>12</sup> “Mas os Troianos – quais ovelhas no redil de homem abastado, / juntas aos milhares, para se lhes mungir o alvo leite, / a balirem sem cessar, quando ouvem a voz dos cordeiros, / assim era o alarido que se erguia no exército troiano” (*Il.*, IV; 433-436).

<sup>13</sup> *Il.*, VI, 467-470.

<sup>14</sup> “Desatou a rir o pai querido e a mãe venerável. / Logo o ilustre Heitor retirou o capacete da cabeça / e o pousou no solo, todo resplandecente. / Depois que beijou o caro filho e o embalou nos braços, / dirigiu esta prece a Zeus e aos outros deuses: ‘ Zeus e demais deuses, concedei-me que este meu filho / venha a ser como eu, se distinga entre os Troianos, / seja assim forte e governe Ílion com o seu poder. / E que alguém diga: ‘É bem mais valente que o pai’” (*Il.*, VI, 471-479).

<sup>15</sup> *Il.*, XV, 494-497.

<sup>16</sup> “E agora, vou-me ao encontro de quem me destruiu aquela cabeça amada, / de Heitor. A morte, hei-de recebê-la quando Zeus / e os outros deuses imortais quiserem que se cumpra. / Na verdade, nem a força de Hércules evitou a morte, / ele que era o mais caro a Zeus soberano, filho de Cronos; / mas subjugou-o o destino e a ira cruel de Hera. / Também eu, se o destino semelhante me incumbe, / Hei-de jazer morto. Mas agora quero alcançar uma nobre glória” (*Il.*, XVIII, 114-121).



Aquiles, sugerindo não só a normalidade do convívio dos antigos gregos com as duas situações, mas também a própria essência da condição humana: “Forjou também duas cidades de homens falantes, / mui belas. Numa, havia bodas e festins [...] Em volta da outra cidade, estavam dois exércitos de homens, / com armas ofuscantes”<sup>17</sup>.

A *Iliada* termina com os funerais de Heitor, na corte de Príamo, após o seu resgate junto de Aquiles. Não é a apologia da vitória grega, após o ardil do cavalo e a tomada e destruição da cidadela. É, sim, a representação complexa da estratégia bélica, com a polivalência e a contradição dos seus pontos de vista, na euforia de uns e a disforia de outros, como reconhece o próprio Aquiles: “Desgraçado, quantos males suportaste no teu coração! / Como te aventuraste a vir sozinho até às naus dos Aqueus, / à vista do homem que te matou tantos / e tão nobres filhos? / O teu peito é de ferro! / Mas senta-te neste trono e deixemos, / apesar de aflitos, que o sofrimento repouse / no nosso coração. Nada conseguem os lamentos arrepiantes. / Assim determinaram os deuses para os míseros mortais: / que vivam na dor. Eles, porém, são isentos de cuidados”<sup>18</sup>.

Poema da epopeia do *nóstos*, ou do regresso de Ulisses, o último dos heróis de Tróia a chegar a casa, a *Odisseia* não deixa de narrar um episódio bélico, o combate contra os pretendentes de Penélope e do seu reino. O símbolo da fidelidade feminina, por oposição a Helena, também é, ironicamente, motivo de conflito, não por sua culpa, mas dos pretendentes ambiciosos. Combatê-los é, para seu marido, não apenas uma questão de honra, mas também uma exigência de justiça, de restauração da ordem quebrada pela situação caótica instalada<sup>19</sup>.

O mito das cinco idades, de Hesíodo, num óptica decadentista, é bem representativo da mentalidade grega, desde o período arcaico, quanto ao carácter nefasto da guerra, mal necessário que é índice de degradação civilizacional. Só após a idade do ouro e da prata, surge a geração do bronze, “temível e forte”: “Importavam-lhe os trabalhos funestos de Ares e a insolência. [...] de bronze eram as suas armas, de bronze as casas [...] Subjugados pelas próprias mãos, caminharam / para a mansão bolorenta do Hades glacial, / desconhecidos”<sup>20</sup>. A própria geração dos heróis, apesar de “divina”,

---

<sup>17</sup> *Il.*, XVIII, 490-491. 509-510.

<sup>18</sup> *Il.*, XXIV, 518-526.

<sup>19</sup> “Então, despojou-se dos farrapos Ulisses dos mil expedientes, / saltou sobre o magno limiar, de arco na mão e aljava / cheia de setas. Esvaziou-a dos dardos velozes / a seus próprios pés e exclamou para os pretendentes: / ‘Acabaram-se estes jogos que não saciam ninguém! / Sei agora de outro alvo que nunca nenhum homem atingiu. / Vejamos se acerto nele, se Apolo satisfizer a minha prece.’ / Disse e sobre Antínoo desfechou uma seta amarga” (*Od.*, XX, 1-8).

<sup>20</sup> Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, 145-146.150.152-154.

“justa e melhor”, “chamados semideuses”, não se coíbe de se deixar submergir pela calamidade bélica: “A esses perdeu-os a guerra cruel e a refrega tremenda, / a uns junto de Tebas das sete portas, a terra de Cadmo, / em combate por causa do gado de Édipo, / a outros levando-os nas naus para Tróia, sobre os abismos profundos / do mar, por causa de Helena de cabelos formosos”<sup>21</sup>. É, porém, a geração do ferro que atinge a cauda da civilização, sendo a guerra a consequência natural da degradação ética e moral, na qual “Não mais terá valor um juramento, a justiça, / ou o bem; honrarão antes o criminoso e o insolente. / A justiça será a violência e a vergonha não existirá”<sup>22</sup>.

Heródoto, o “pai da História”, expondo o resultado da sua pesquisa, com o objectivo de impedir que os grandes feitos se apaguem da memória dos homens, em particular a causa do conflito entre Gregos e Persas, tem o cuidado de assinalar tanto o ponto de vista de uns como o de outros, fazendo jus a uma glorificação épica de ambos<sup>23</sup>. Para os Persas, o conflito foi criado pelos inimigos, os quais, após o rapto de Io, filha de Ínaco, feito pelos Fenícios de Argos para o Egipto, raptaram, então, Europa de Tiro, na Fenícia, e, mais tarde, Medeia, da Cólquida para Argos. O rapto de Helena por Páris deu, por sua vez, origem à guerra de Tróia. Mas é o rapto de Medeia que constitui o pretexto para os Persas invadirem a Grécia, já que teriam sido os Helenos a levar a guerra à Ásia antes de os Asiáticos a levarem à Europa<sup>24</sup>. Para os Gregos, porém, a origem do conflito reside na tomada de Tróia<sup>25</sup>: é aí que entronca a inimizade dos Persas para com eles. Mantendo-se equidistante dos pontos de vista que assinala, o historiador tem o cuidado de mostrar como é relativa a ambição humana, pois ao império das grandes cidades sucede a sua inevitável decadência<sup>26</sup>.

A inferioridade da guerra em relação à paz é sublinhada como uma evidência natural por Cresos, rei da Lídia, após ser salvo da pira por Apolo, a ela condenado por Ciro, por ter invadido a Pérsia. Indagado sobre a razão da sua

---

<sup>21</sup> *Id., ib.*, 161-165.

<sup>22</sup> *Id., ib.*, 190-192. “A inveja maledicente, que goza com o mal alheio, de sestro olhar, / seguirá atrás de todos os miserandos humanos. / E, então abandonando os homens, ocultando o belo corpo, / em brancos véus, sairão da terra de vastos caminhos, / para o Olimpo, para junto da raça dos imortais, / a Vergonha e a Justiça. O triste sofrimento aos mortais / será deixado. Contra o mal não mais terão remédio” (*Id., ib.*, 195-201).

<sup>23</sup> “Esta é a exposição das informações de Heródoto de Halicarnasso, a fim de que os feitos dos homens, com o tempo se não apaguem e de que não perquem o seu lustre acções grandiosas e admiráveis, praticadas quer pelos Helenos, quer pelos Bárbaros; e, sobretudo, a razão pela qual entraram em conflito uns com os outros” (Heródoto, *Prólogo das Histórias*).

<sup>24</sup> Cf. *Id., ib.*, 1-5.

<sup>25</sup> Cf. *Id., ib.*, 5, 1-3.

<sup>26</sup> Cf. *Id., ib.*, 5, 9-18.



atitude bélica<sup>27</sup>, respondeu: “Ó Rei, procedi assim por sorte tua e desgraça minha. O culpado disto foi o deus dos Gregos, que me incitou a entrar em campanha. Pois não há ninguém tão insensato que prefira a guerra à paz: nesta, os filhos sepultam os pais, ao passo que naquela são os pais que enteram os filhos”<sup>28</sup>.

Apesar do seu poder naval reflectido no Helesponto, Xerxes chora, tomando consciência da fragilidade humana<sup>29</sup>. Mas o tio paterno, Artábano, que dissuadira o sobrinho de atacar a Grécia, replica-lhe: “Ainda sofremos outra calamidade mais deplorável ao longo da vida. É que, sendo ela tão curta, não há homem algum tão feliz, nem dos que aqui estão, nem de outros, a quem não suceda, muitas vezes e não uma só, preferir morrer a viver. As desgraças que se abatem sobre nós e as doenças que nos afligem fazem com que a vida pareça longa, a despeito da sua curta duração. E assim a morte se tornou para o homem o refúgio de eleição contra tão penosa vida. E o deus, depois de nos dar a provar um pouco da doçura da vida, nisso mesmo mostra a sua inveja”<sup>30</sup>.

Por sua vez, os Atenienses respondem com brava resistência à proposta de capitulação por parte de Xerxes: “Também nós sabemos que o poder dos Medos vale muitas vezes o nosso [...]. Mas, mesmo assim, ansiamos pela liberdade e defender-nos-emos até onde pudermos. [...] Confiantes no auxílio dos deuses e dos heróis, cujos santuários ele [Mardónio] incendiou sem respeito algum, iremos lutar contra ele e expulsá-lo-emos”<sup>31</sup>.

Empenhado em estudar em profundidade a guerra do Peloponeso, Tucídides é de tal modo impressionado pelo alcance de tal conflito que chega a dizer que ele chegou a atingir a maior parte da humanidade de então<sup>32</sup>. Depois de contextualizar a situação geográfica e histórica da Grécia até ao diferendo em questão, o historiador ateniense entronca a sua origem na ruptura do tratado estabelecido entre Atenienses e Peloponésios, após a tomada de Eubeia, dando como principal razão a menos reconhecida até então: a apreensão dos Lacedemónios perante o crescimento dos Atenienses<sup>33</sup>. A

---

<sup>27</sup> “Creso, quem dentre os homens te convenceu a marchar sobre o meu país, apresentando-te como meu inimigo, em vez de meu amigo?” (*Livro I*, 87).

<sup>28</sup> *Id.*, *ib.*

<sup>29</sup> “É que me veio ao pensamento – disse ele – lamentar a brevidade de toda a vida humana, uma vez que, de tantos homens que aqui estão, dentro de cem anos, nenhum deles sobreviverá” (*Livro VII*, 46).

<sup>30</sup> *Id.*, *ib.*

<sup>31</sup> (*Livro VIII*, 143).

<sup>32</sup> Cf. Tucídides, *Livro I*, 1.

<sup>33</sup> “[A guerra] começou pela ruptura, entre Atenienses e Peloponésios, do tratado de trinta anos, feito depois da tomada de Eubeia. Para explicar essa ruptura, escrevi primeiro as causas e razões dos desentendimentos, a fim de que um dia se não pergunte qual a origem

questão do poder e da hegemonia é, pois, a causa fundamental que opõe as mais importantes cidades-estados da Grécia clássica. Consciente, porém, da superioridade civilizacional de Atenas, Tucídides não hesita em louvar a sua Constituição e o seu regime político, a democracia, bem como a sua abertura cultural aos estrangeiros, num contraste com Esparta<sup>34</sup>. Apesar de uma educação menos militarista, Atenas não deixa de obter melhores resultados bélicos do que a sua rival<sup>35</sup>, tornando-se, deste modo, a “escola da Grécia”, razão profunda do empenhamento heróico dos seus cidadãos<sup>36</sup>: “E, no próprio combate, entenderam que era mais belo lutar e sofrer do que salvarem-se, entregando-se. Assim, evitaram a vergonha da fama que lhes adviria, aguentaram o seu posto com os seus corpos e partiram desta vida no breve instante do transe decisivo, nas culminâncias da expectativa mais da glória do que do temor”<sup>37</sup>.

## 2. Os Romanos e a Guerra

O carácter militar dos Romanos, simbolicamente inscrito na lenda da paternidade mavórcia de Rómulo e Remo, é indiscutível. Tal carácter está na

---

de tamanha guerra entre os Helenos. Com efeito, a causa mais verdadeira é a menos evidente na exposição. Entendo eu que os Atenienses se engrandeceram e, com isso, infundiram aos Lacedemónios receio, que os forçou a entrar em guerra” (*Id., ib.*, XXIII, 4-6).

<sup>34</sup> “O regime político que nós seguimos não inveja as leis dos nossos vizinhos, pois temos mais de paradigmas para com os outros do que de seus imitadores. O seu nome é democracia, pelo facto de a direcção do estado não se limitar a poucos, mas se estender à maioria; em relação às questões particulares, há igualdade perante a lei; quanto à consideração social, à medida em que cada um é conceituado, não se lhe dá preferência nas honras públicas pela sua classe, mas pelo seu mérito; nem tão-pouco o afastam pela sua pobreza, devido à obscuridade da sua categoria, se for capaz de fazer algum bem à sua cidade. [...] Distinguímo-nos dos nossos adversários, no que respeita a assuntos bélicos, no seguinte: franqueamos a todos a nossa cidade e não há ocasião alguma em que, numa proscrição de estrangeiros, cerceemos seja a quem for qualquer oportunidade de aprender ou de ver um espectáculo cuja observação pudesse ser útil a algum inimigo, se não lho ocultássemos. Não confiamos mais nos preparativos e nas ciladas do que na coragem que brota de nós mesmos para a acção” (*Id., Livro II, XXXVII, 1. XXXIX, 1*).

<sup>35</sup> “E, na educação, os outros, logo desde a juventude, praticam exercícios penosos, procurando alcançar a força viril; nós, porém, que levamos uma vida sem constrangimento, não corremos com menor ardor ao encontro de perigos à altura das nossas forças. Eis uma prova deste facto: os Lacedemónios, sozinhos, não fazem uma expedição ao nosso território, mas somente com todos os seus aliados, ao passo que nós, sem dificuldade, invadimos o dos outros, e em terra alheia vencemos a maior parte das vezes os que defendem o seu próprio país” (*Id., ib.*, XXIX, 1-3).

<sup>36</sup> “Foi por uma cidade assim que pereceram nobremente em combate os que julgaram não dever consentir que os privassem dela. E os que ficaram é natural que queiram também sofrer por sua causa”. (*Id., ib.*, XLI, 1).

<sup>37</sup> *Id., ib.*, XLII, 4.



base da sua expansão imperial, desde o século III a.C., sendo o segredo da sua longevidade, até à sua queda em 471 d.C. No entanto, a Literatura Latina, tal como a Grega, equaciona a questão da guerra em termos de grande complexidade, servindo de paradigma aos nossos tempos.

Énio, não deixando de cantar a glória do povo romano desde as suas origens, contrapõe a exaltação do “hórrido soldado” ao desprezo do “bom orador”<sup>38</sup>, segundo o princípio da supremacia do Direito sobre a Força<sup>39</sup>, iniciando, assim, um dos tópicos mais célebres da cultura latina: a glória das armas e das letras. É esta supremacia que, num dos versos mais emblemáticos da Literatura Latina, funda a tradição cultural romana: “Nos costumes e varões antigos se apoia o Estado Romano”<sup>40</sup>.

O próprio Cícero, que tanto elogia a glória das armas<sup>41</sup>, ao configurar o retrato ideal de um general, salienta o primado da sua virtude, para além do seu valor militar<sup>42</sup>. A exaltação da glória das armas, baseada na defesa do poder e da ordem da cidade<sup>43</sup>, não dispensa a legitimação da guerra à luz dos princípios da Justiça, sendo de realçar que a força pertence ao reino das feras, em detrimento da razão e do livre debate de ideias, que é inerente à condição humana<sup>44</sup>. Como profetizará Anquises na *Eneida*<sup>45</sup>, faz parte das

---

<sup>38</sup> Énio, *Anais*, VIII, 157.

<sup>39</sup> “Combatendo com palavras indoutas e malévolas, / entre si se misturam, levantando animosidades: / não desafiam segundo o direito, mas antes pelo ferro / exigem os bens, reclamam o reino, vão com forte violência” (*Id.*, *ib.*, 158-161).

<sup>40</sup> *Id.*, fr. 492 Vahlen.

<sup>41</sup> “Trata-se da glória do povo romano, que vos foi legada pelos vossos maiores, uma glória grande em tudo, mas maior ainda na milícia; trata-se da salvação dos aliados e dos amigos, pela qual os vossos antepassados fizeram muitas guerras, grandes e graves; trata-se dos tributos certíssimos e maiores do povo romano, perdidos os quais tereis de andar à procura de meios para ornamento da paz e auxílio da guerra; trata-se de bens de muitos cidadãos, pelos quais deveis velar, quer pelo do Estado” (Cícero, *Sobre os Poderes de Pompeu*, 2, 6, 3).

<sup>42</sup> “É que no maior e mais perfeito general não deve apenas procurar-se o valor militar, mas há muitas outras artes exímias que o servem e o acompanham. Em primeiro lugar, os generais devem ser isentos de culpa, dotados de moderação em tudo, de lealdade, de simplicidade, de talento, de bondade” (*Id.*, *ib.*, 13, 36).

<sup>43</sup> “Excelsa é a honra daqueles que se distinguem pela glória militar, pois se entende que são eles os defensores e sustentáculos de tudo o que está compreendido no poder e ordem da cidade; excelsa também a sua utilidade, uma vez que é graças à sua habilidade e aos perigos a que se sujeitam que podemos usufruir de bens públicos e particulares” (*Id.*, *Defesa de Murena*, 11, 24).

<sup>44</sup> “Pelo que toca ao Estado, devem observar-se, acima de tudo, as leis da guerra. Pois, havendo duas formas de contender, uma pela discussão, outra pela força, e, sendo aquela própria do homem e esta das feras, tem de se recorrer à segunda, se não for possível utilizar a primeira. Por este motivo, pode-se entrar em guerra devido a essa razão, a fim de se viver em paz sem injustiça” (*Id.*, *Dos Deveres*, I, 11, 34-35).

<sup>45</sup> Cf. *Eneida*, VI, 851-853.

leis da guerra o perdão aos vencidos: “porém, uma vez alcançada a vitória, devem deixar-se viver os que não foram cruéis ou desumanos na guerra, assim como os nossos antepassados deram o direito de cidade a Tusculanos, Volscos, Sabinos, Hérnicos, mas destruíram radicalmente Cartago e Numância”<sup>46</sup>.

A dialéctica guerra/paz, com todas as suas contradições e tensões, está bem expressa na obra de Salústio.

Por um lado, a guerra é fruto da ambição humana: “Mas depois que Ciro, na Ásia, os Lacedemónios e os Atenienses, na Grécia, começaram a submeter cidades e nações e a transformar a sua ambição do poder em causa de guerra, a considerar que o máximo de glória estava no máximo do poder, foi então, finalmente, que a experiência e a prática demonstraram que o engenho era o que mais valor tinha na milícia”<sup>47</sup>. E, porque é a ambição que está na base da guerra, tal “engenho” é mais aplicado na promoção desse objectivo do que da paz: “Mas, se a coragem de reis e comandantes fosse tão forte na paz como na guerra, a vida humana manter-se-ia mais estável e mais constante e não se veriam estes desequilíbrios, mudanças e confusões gerais”<sup>48</sup>.

Por outro lado, a admiração pelos heróis ancestrais impulsiona o historiador a elogiar as suas virtudes, tanto na guerra como na paz, surgindo aquela como um meio legítimo de promover a liberdade e a segurança nacionais<sup>49</sup>, em contraste com os tempos da decadência, dominados pelo “orgulho” e a “prepotência”<sup>50</sup>. Deste modo, a audácia na guerra é posta em paralelo com a justiça na paz, como retrato arquetípico de uma sociedade perfeita,

---

<sup>46</sup> *Dos Deveres*, I, 11, 35. “E aqueles que se subjugarem pela força é preciso cuidar deles e aqueles que tenham deposto as armas e se refugiem na lealdade dos generais devem acolher-se, ainda que o aríete haja batido nas muralhas. Neste ponto, de tal modo a justiça teve culto entre nós que os varões que recebiam em seu poder cidades ou nações vencidas na guerra ficavam tradicionalmente a ser seus protectores. A verdade é que as condições da guerra justa estão prescritas de uma maneira mais que sagrada no direito feial do povo romano. De onde se pode deduzir que não há guerra alguma justa se não se fizer, ou depois de se ter protestado, ou de a ter previamente proclamado e declarado” (*Id.*, *ib.*, 35-36).

<sup>47</sup> Salústio, *Catilina*, II, 2-3.

<sup>48</sup> *Id.*, *ib.* 3-4.

<sup>49</sup> “Mas os Romanos, atentos quer na guerra quer na paz, apressavam-se, uns aos outros, marchavam de encontro aos inimigos, protegiam com as armas a liberdade, a pátria e os parentes. Depois, quando, pelo seu valor, haviam repellido os perigos, prestavam auxílio aos amigos e aliados e contraíam amizades, mais por conferirem benefícios do que por os receberem” (*Id.*, *ib.*, VI, 5).

<sup>50</sup> “Depois, quando o poder real, que de início servira para conservar a liberdade e fazer prosperar o Estado, se converteu em orgulho e prepotência, alteraram os costumes, criando um governo anual, com dois chefes; desse modo, pensavam eles que o espírito humano seria menos capaz de se tornar insolente, por excesso de liberdade” (*Id.*, *ib.*, 7).



surgindo os Romanos mais como modelos de pacificação do que agressores dos outros povos<sup>51</sup>.

Em oposição à valentia para com o inimigo externo, as guerras civis são consideradas como um “terremoto” devastador, fruto da “competição” e da “discórdia” entre as facções e os partidos, dos “caprichos” e da arbitrariedade da aristocracia, que passou a oprimir a liberdade e a força da plebe<sup>52</sup>.

A prática da clemência para com os inimigos é reivindicada por Octávio Augusto<sup>53</sup>, a par do castigo dos assassinos de Júlio César, seu pai adoptivo<sup>54</sup>.

Mas é Virgílio o cantor por excelência da guerra e da paz romanas.

---

<sup>51</sup> “Na paz e na guerra cultivavam-se os bons costumes; a concórdia era máxima e mínima a avareza; entre eles, o direito e o bem não valiam mais pela força das leis do que pela da natureza. Disputas, discórdias, rixas exercitavam-nas com os inimigos; os cidadãos lutavam uns com os outros em valor; nas acções de graças aos deuses, eram magníficos, parcos em casa, leais para com os amigos. Com estas duas qualidades, a audácia na guerra, a justiça quando a paz sobrevinha, cuidavam de si e do Estado. De tais factos tenho eu as maiores provas, a saber: que, na guerra, foram mais vezes castigados aqueles que haviam lutado com o inimigo contra as ordens, e aqueles que haviam tardado a retirar-se do combate, apesar de chamados, do que os que tinham ousado desertar ou, forçados, abandonaram o seu posto; porém, quando em paz, o facto de exercerem a sua autoridade mais pelos benefícios do que pelo medo, e, quando recebiam uma ofensa, preferirem perdoar a perseguir” (*Id., ib.*, IX, 1-5).

<sup>52</sup> “Efectivamente, antes da destruição de Cartago, o povo e o Senado romano conduziam a governação entre si com placidez e moderação e não havia competição entre os cidadãos em glória, nem em predomínio. O medo do inimigo mantinha a cidade no bom caminho. Mas, assim que esse temor se afastou dos espíritos, avançaram aqueles defeitos que a prosperidade favorece, a lascívia e o orgulho. E assim, aquela paz que em situação adversa tinham desejado, uma vez alcançada, foi-lhes ainda mais dura e acerba do que esta. É que a nobreza começou a submeter aos seus caprichos as suas funções, o povo, a liberdade, e cada um a puxar para o seu lado, a arrastar, a roubar. E assim, tudo se cindiu em dois partidos, com a república, outrora colocada entre ambos, dilacerada. De resto, a nobreza estava forte, devido à sua unidade partidária; a força da plebe, solta e dispersa, sendo numerosa, tinha menos poder. Na guerra e na paz, era o arbítrio de poucos que decidia; em seu poder estavam o tesouro público, as províncias, as magistraturas, as honrarias, o triunfo; o povo era oprimido pela milícia e pela indigência; o saque da guerra dilapidavam-no os generais, com um pequeno número. [...] Assim, a avareza, aliada ao poder, invadiram, poluíram, devastaram tudo, sem limites nem moderação, sem consideração nem respeito por nada, até que ela caiu por si mesma. Pois, quando se encontraram, finalmente, elementos da nobreza que fossem capazes de antepor ao poder injusto a glória verdadeira, a cidade ficou abalada e, como um terramoto, a discórdia civil começou a surgir” (*Id., Jugurta*, XLI, 2-7.9-10).

<sup>53</sup> “Muitas vezes fiz guerras, em terra e no mar, civis e com o estrangeiro, em todo o mundo e, uma vez vencedor, perdoei a todos os cidadãos que imploraram vénia. Aos povos estrangeiros, a quem foi possível perdoar sem perigo, preferi conservá-los a destruí-los” (*Os Feitos do Divino Augusto*, 1,3).

<sup>54</sup> “Os que assassinaram o meu pai mandei-os para o exílio, vingando com legítimo julgamento o seu crime e, mais tarde, quando eles vieram fazer guerra à República, por duas vezes os venci em linha de batalha” (*Ib.*, 1,2).

Nas *Geórgicas*, o canto da Itália, mãe de heróis, já é esboçado, com a nominalização dos principais guerreiros, culminando em “César, de todos o maior”<sup>55</sup>.

Na *Eneida*, a proposição identifica o epónimo cantado como o varão que “sofreu também muito na guerra, até fundar a cidade / e trazer os deuses para o Lácio”<sup>56</sup>. Rômulo, descendente de Eneias, é o fundador das “mavórcias / muralhas”, o que “dará o seu nome aos Romanos”<sup>57</sup>, povo glorioso cujo poder e império não terão limites<sup>58</sup>.

Na representação do Campo das Lágrimas, no Hades, os heróis guerreiros frequentam os “lugares secretos” desses Campos, sendo os Dardânidas, “caídos na guerra”, “muito pranteados”<sup>59</sup>. A transposição das condições temporais para o mundo ultraterreno permite a manutenção de sentimentos, como o pavor dos Dânaos face à visão de Eneias<sup>60</sup>. Aí persistem as consequências trágicas dos combates, como a visão realista do “filho de Príamo, Deífobo, com o corpo / todo dilacerado, o rosto cruelmente mutilado, / o rosto e as mãos ambas, as têmporas desfiguradas, / arrancadas as orelhas, o nariz devastado por uma ferida selvagem”<sup>61</sup>. Helena é, então, responsabilizada por tais consequências<sup>62</sup>.

Em contraste com os heróis gregos, o cortejo dos heróis romanos tem lugar na descrição dos Campos Elísios: “Vamos! Vou descrever-te qual a glória que há-de seguir / a Dardânia geração, quais os netos que virão da

---

<sup>55</sup> “Ela que produziu uma áspera raça de guerreiros, Marsos e Sabélios, / Lígures ao mal afeitos, e Volscos, de venábulo armados, / ela que gerou os Décios, os Mários e os grandes Camilos, / os Cipiões valentes na guerra, e a ti, César, de todos o maior, / que agora, nas plagas extremas da Ásia vitorioso, / afastas das romanas fortalezas o Índio impotente. / Salve, ó nutriz excelsa de colheitas, terra de Saturno, / mãe de heróis: é por ti que me lanço neste tema e numa arte / de glória de antanho, ousando desvendar as sagradas fontes, / e através das cidades romanas canto o poema ascreu” (Virgílio, *Geórgicas*, II, 167-176).

<sup>56</sup> *Eneida*, I, 1. 5-6.

<sup>57</sup> *Ib.*, I, 276-277.

<sup>58</sup> Cf. *Ib.*, 277-278.

<sup>59</sup> *Ib.*, VI, 478. 481.

<sup>60</sup> “Porém os chefes dos Dânaos e as falanges de Agamémnon, / assim que viram o varão e o refulgir das suas armas na sombra, / tremeram com ingente pavor; parte deles volta costas, / como quando outrora fugiram para as naus; outra parte ergue / exíguo clamor: grito começado e logo frustrado nas suas bocas abertas” (*Ib.*, 489-490).

<sup>61</sup> *Ib.*, 494-497.

<sup>62</sup> “Mas o meu fado e o crime funesto da mulher Lacónia / mergulharam-me nesta desgraça; foi ela que deixou estas marcas. [...] Entretanto, a egrégia esposa afasta de casa todas as armas / e subtraíra de sob a minha cabeça a fiel espada: chama Menelau para casa, franqueia-lhe o limiar, / decerto esperando que seria grande a dádiva ao amante / e que assim lograria extinguir a fama de antigos males” (*Ib.*, 511-512. 523-527).



Ítala gente, / almas ilustres, futuros herdeiros do nosso nome”<sup>63</sup>. O *tópos* mítico da *aurea aetas*, de tom profeticamente messiânico, serve de arquétipo à caracterização da época augustana<sup>64</sup>. Mas as guerras civis são marcadas pela “desmedida ambição”, “em nome da formosa liberdade”<sup>65</sup>, desencadeando um fervoroso apelo à paz, de acordo com o epíteto do *pius Aeneas*, característica divina: “Não, filhos!, não habitueis os ânimos a tantas guerras, / nem volteis as vossas forças potentes contra o coração da pátria. E tu, em primeiro lugar, amerceia-te, tu, que descendes do Olimpo, / lança fora da mão as armas, sangue do meu sangue!”<sup>66</sup>. Por isso, o conselho de Anquises figurará como uma espécie de *ex-libris*, emblemático de todo o *ethos* civilizacional romano, numa convergência bíblica assinalável<sup>67</sup>: “Tu, Romano, sê atento a governar os povos com o teu poder / – estas serão as tuas artes – a impor hábitos de paz, / a poupar os vencidos e derrubar os orgulhosos”<sup>68</sup>.

Numa representação dialéctica da guerra, motivo de glória e de luto, o epicédio de Marcelo relativiza o poder humano, a partir do exemplo romano: “Ó filho, não perguntes pelo luto imenso dos teus. / Os fados apenas o mostrarão ao mundo e não o deixarão / viver para além disso. A romana descendência pareceu-vos, ó deuses, / supernos, por demais potente, se esta dádiva pudesse ser duradoura. / Quantos gemidos dos homens o famoso Campo elevará junto da grande / cidade de Marte! Que dor tu verás, ó Tibre, / quando correres ao lado do túmulo recém-erguido!”<sup>69</sup>.

A *écphrasis* do escudo de Eneias, em contraste com o de Aquiles, na *Iliada*, representa, sobretudo, o carácter guerreiro dos Romanos, bem como as principais batalhas e seus protagonistas: “Sabedor das profecias e conhecedor do futuro, / aí forjara o Deus Ignipotente os Ítalos feitos / e os Romanos triunfos; aí, forjara a raça toda / da estirpe futura, descendente de Ascânio, e as guerras na sua ordem”<sup>70</sup>. A defesa da liberdade é o objectivo

---

<sup>63</sup> *Ib.*, 756-758.

<sup>64</sup> “Aqui está César e toda a descendência / de Iulo que há-de vir sob o magno pólo celeste: / É este o homem, é este o que muitas vezes ouviste prometer, / Augusto César, filho de um deus, que a idade do ouro / há-de inaugurar de novo no Lácio, nos campos / onde outrora Saturno reinou e, para além dos Garamantes e Índios dilatará o império; jaz para além das estrelas uma terra, / fora do percurso anual do Sol, onde Atlas, que carrega o céu, / faz girar nos seus ombros o pólo de estrelas ardentes cravejado” (*Ib.*, 789-797).

<sup>65</sup> *Ib.*, 821. 823.

<sup>66</sup> *Ib.* 832-835.

<sup>67</sup> “Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles” (Cântico do *Magnificat* – Lc.2, 52).

<sup>68</sup> *Ib.*, 851-853.

<sup>69</sup> *Ib.*, 868-874.

<sup>70</sup> *Ib.*, VIII, 626-629.

justificativo da guerra<sup>71</sup>. Mas é a batalha de Áccio que ocupa o centro do escudo, presidida por Octávio César Augusto, “que leva os Ítalos ao combate / com o Senado e o povo, os penates e os magnos deuses”<sup>72</sup>, em oposição a Marco António, “o vencedor dos povos da Aurora e das praias do Mar Vermelho”<sup>73</sup>, que, “com bárbaros recursos e armas diversas, / arrasta consigo o Egipto com os homens do Oriente e a Bactriana / lá do extremo”<sup>74</sup>. O espectáculo apocalíptico domina a *écphrasis*, envolvendo deuses e homens<sup>75</sup> até ao tríplice triunfo de César, com a consagração votiva de “trezentos grandes templos” aos deuses Ítalos e os aplausos populares<sup>76</sup>.

A intervenção feminina a favor da paz é devidamente assinalada por Tito Lívio, designadamente a das mulheres sabinas, “cuja ofensa determinara a causa da guerra”<sup>77</sup> e cuja atitude de auto-entrega comove tanto os dois lados da contenda que origina não apenas a assinatura de um tratado mas a formação de uma única cidade<sup>78</sup>, atitude que torna as intervenientes “mais

---

<sup>71</sup> “Havia lá Porsena, a mandar receber o expulso Tarquínio, / e com um cerco colossal oprimia a cidade; / mas os filhos de Eneias precipitavam-se para as armas, em defesa da liberdade” (*Ib.*, 646-648).

<sup>72</sup> *Ib.*, 678-679.

<sup>73</sup> *Ib.*, 685.

<sup>74</sup> *Ib.*, 685.687-688.

<sup>75</sup> “Os monstros dos deuses do Nilo e o ladrador Ânubis / seguram dardos contra Neptuno e Vénus e Minerva. / No meio do combate, Mavorte furioso / está cinzelado em ferro, bem como as tristes Fúrias vindas do éter. / Com sua veste rasgada, caminha a Discórdia jubilosa; / segue-a Belona, com o sanguíneo chicote. / Vendo isto, lá do alto, Apolo Áccio distende o arco. / Com o terror, todos, o Egípcio, o Índico, o Árabe, / todos os Sabeios voltavam as costas. [...] Pálida com a vizinhança da morte, no meio da carnificina, / o Deus Ignipotente a traçara como que levada pelas ondas e pelo Iápix / em frente, o Nilo entristecido, com seu corpo ingente, / soltas as pregas de toda a sua veste, chamava os vencidos / ao seu cerúleo seio e às suas correntes ocultas” (*Ib.*, 698-713).

<sup>76</sup> “Mas César, reconduzido às romanas muralhas / por tríplice triunfo, aos deuses Ítalos consagrava / – voto imortal – trezentos grandes templos, por toda a urbe. / Fremiam as ruas de alegria, de jogos, de aplausos” (*Ib.*, 714-717).

<sup>77</sup> “Então as mulheres sabinas, cuja ofensa determinara a causa da guerra, de cabelos desgrehados e vestes rasgadas, vencendo, pela desgraça, o pavor feminil, ousaram avançar no meio dos dardos que voavam, atravessando-se entre os combatentes, a fim de pôr termo ao nefasto combate, de abater a ira, suplicando de um lado aos pais, de outro aos maridos, que não aspergissem com sangue criminoso o sogro ou o genro, que não manchassem com o parricídio o fruto das suas entranhas, uns, os netos, outros, os filhos. ‘Se este parentesco, se este casamento vos desgosta, voltaí contra nós a vossa ira; somos nós a causa da vossa ira; somos nós a causa da guerra, somos a causa de ferimentos e mortes para os nossos maridos e para os nossos pais; antes queremos perecer do que vivermos viúvas e órfãs, privadas de um de vós’ (Tito Lívio, *Desde a Fundação da Cidade*, I, 13.1-3).

<sup>78</sup> “Esta atitude comove tanto a multidão como os seus chefes. Faz-se silêncio e uma súbita quietude. Depois, os chefes avançam para fazer um tratado. Não se limitam a celebrar a paz: de duas cidades fazem uma” (*Ib.*, 4).



estimadas aos maridos e aos pais e, acima de tudo, ao próprio Rômulo. E assim, quando dividiu o povo em trinta cúrias, deu a essas cúrias os nomes delas”<sup>79</sup>.

Na sua visão crítica do Império e das guerras civis pré-imperiais, Tácito põe em causa não só grandes figuras do mesmo, mas também uma paz que ele designa de sangrenta<sup>80</sup>.

## Conclusão

Em suma, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que a problematização da guerra na Cultura Clássica se reveste de grande complexidade.

Se, por um lado, a expansão da *pólis* e da *urbs* para além-fronteiras constitui motivo de glória e uma afirmação de identidade étnica, por outro lado, a praga das guerras civis representa o vírus destruidor dessa afirmação.

Além disso, a própria utilização do instrumento belicista como estratégia expansionista ou, até, de defesa da honra nacional não está isenta de reparos, reticências e restrições. Envolver-se em guerra, é, no fundo, uma gravíssima opção que, apesar de legitimidade, deixa no ar sérias dúvidas e perplexidades. As próprias consequências em vítimas e destruição de cidades e bens induzem à lamentação, quando não à crítica.

Finalmente, ainda que o olhar do autor literário seja quase sempre o do vencedor, não deixa de ser precursora, em termos civilizacionais, a preocupação com os vencidos, sobretudo na Literatura Latina, numa cultura que tinha por costume reduzi-los à servidão.

Curiosamente, o nosso tempo, apesar dos avanços ideológicos a favor da paz e das reticências sobre a utilização da guerra como instrumento de resolução de conflitos, ainda não foi capaz de abandonar este meio de intimidação e de dominação do Outro. As dúvidas e a problematização que a Cultura Clássica oferece a este propósito constituem claramente um forte contributo para o debate em aberto sobre esta questão, que é universal e inerente à condição humana.

---

<sup>79</sup> *Ib.*, 6-7.

<sup>80</sup> “Sem dúvida que a morte de Cássio e dos dois Brutos fora uma oferenda à inimizade paterna, embora seja lícito perdoar ódios pessoais em nome da utilidade pública. Mas Pompeu foi iludido pela miragem da paz, Lépido pela aparência da amizade. Depois, António, seduzido pelo pacto de Tarento e de Brindes e pelos esponsais com a irmã, expiava com a morte a pena de um parentesco insidioso. Posteriormente, viera, sem dúvida, a paz, mas uma paz sangrenta: a derrota de Lólio e Varo, o morticínio, em Roma, dos Varrões, dos Inácios, dos Iulos” (Tácito, *Anais*, I, 10).